



Jogos Olímpicos: Por que classificar os países por medalhas de ouro?

por **Jorge Steinhilber**
CREF 000002-G/RJ

A ANÁLISE QUE SE SEGUE ABORDA QUESTÕES que, numa primeira leitura, podem parecer periféricas em relação ao conjunto dos megaeventos, particularmente os Jogos Olímpicos, que irão acontecer no Brasil. Porém, é instigante querer saber: quem ou qual entidade estabeleceu o *ranqueamento* dos países vencedores dos Jogos Olímpicos tendo por critério o número de medalhas de ouro conquistadas? Isso não caracterizaria uma discriminação dos esportes coletivos? O Brasil poderia revolucionar o critério da classificação dos Jogos Olímpicos? Afinal, qual posição o Brasil ocupou em número de medalhas ganhas nos Jogos de Pequim em 2008? Dependendo do critério de contagem, o país foi 23º, 17º ou oitavo - resultados contraditórios que poderão se repetir nos próximos Jogos Olímpicos de Londres. Mas, como os Jogos de 2016 acontecerão no Brasil, vale, desde já, levantar este problema de mérito esportivo para que se possa dar ao país o que merece e resgatar o valor das medalhas.

REVISITANDO A HISTÓRIA

A influência da mídia está presente nos jogos desde sua gênese. Repórteres do *New York Times* presentes à cerimônia de encerramento dos primeiros jogos, no dia 16 de abril de 1896, realizados

na Grécia, descrevem a cerimônia com detalhes. Contudo, a manchete publicada na capa do jornal e reproduzida por diversos periódicos pelo mundo foi: “*Americans Won Most Crowns*” (Os americanos ganharam a maioria das coroas). Percebe-se, desde então, a grande influência da mídia no estabelecimento e divulgação dos resultados dos Jogos, que se tornaram o maior acontecimento esportivo mundial.

A divulgação da classificação do resultado dos Jogos Olímpicos, no Brasil, de modo geral, é a distinção dos países pela conquista de medalhas de ouro, seguindo a influência das mídias americana e europeia. Contudo, a mídia americana, quando os EUA não são os primeiros classificados pelo critério de medalhas de ouro, divulga de forma diferenciada o *ranqueamento*, utilizando-se do critério do somatório de medalhas conquistadas considerando ouro, prata e bronze. Consequentemente, identificam-se, na atual conjuntura, duas opções de divulgação da classificação dos países “vencedores” dos Jogos Olímpicos. Tal ocorreu recentemente nos Jogos Olímpicos de 2008.

No encerramento das Olimpíadas de Pequim, o presidente do Comitê Olímpico Internacional, Jacques Rogge, disse: “Eu acredito que cada país vai destacar o que melhor lhe convier. Um país destaca

medalhas de ouro. O outro país vai destacar a contagem total de medalhas. Nós não tomamos nenhuma posição sobre isso”.

De modo geral, a sociedade tem a compreensão de que a classificação dos países nos Jogos Olímpicos, resultante do cômputo de medalhas de ouro, é determinação e deliberação do Comitê Olímpico Internacional. Essa compreensão é um equívoco com base na tradição e que é aceita de modo acrítico como verdade. Não há nenhuma norma estabelecida pelo COI, ou pelo Comitê Olímpico Brasileiro, quanto a países vencedores, seja por medalha de ouro ou pela conquista total de medalhas. A posição da Carta Olímpica é bem clara no Capítulo 5: o Comitê Olímpico Internacional e os Comitês Olímpicos nacionais não estabelecem qualquer classificação global por país. Assim sendo, será que o modelo de classificar os países pela conquista de medalhas de ouro, ou o modelo do somatório de ouro, prata e bronze pelo atual critério adotado, reflete os ideais olímpicos e atende à dimensão do esporte na sociedade atual?

O VALOR DA MEDALHA OLÍMPICA

Os Jogos Olímpicos são uma competição de seres humanos, e não de nações. Ao menos assim a idealizou seu criador, o barão Pierre de Coubertin, há mais de 100 anos. O *ranqueamento* dos países é disseminado pelos meios de comunicação que, de acordo com seus interesses, estabelecem seus respectivos critérios. Portanto, seria interessante atuar no sentido da mudança cultural e quebra de paradigma relacionado a algo que não é oficial. Considerando a atual conjuntura quanto à excelência, à amizade, ao respeito, ao estímulo à prática esportiva (principalmente pelos jovens) e à sustentabilidade, é apropriado, é justo e adequado abordar e considerar que um país é uma Potência Olímpica apenas pela conquista de medalhas de ouro, quando o Olimpismo não ressalta os países medalhistas? É justo considerar um país uma Potência Olímpica devido à conquista de maior número de medalhas de ouro, ou mesmo pelo somatório de ouro, prata e bronze em esportes individuais? Acredito ser estimulante o *ranqueamento* dos países, contudo com critérios mais justos, equânimes e modernos.

Defendo ser um equívoco a contagem pela prioridade das medalhas de ouro, reforçando que esta convenção nasce na mídia com objetivo unicamente político, contrariando a Carta Olímpica. Poder-se-ia pensar em adotar o critério divulgado pela mídia americana em 2008, qual seja, o somatório das medalhas de ouro, prata e bronze. No entanto, esse critério também não é o mais democrático, uma vez que o modelo atual de premiação valoriza os esportes individuais em detrimento dos coletivos. Deve-se acoplar, a esse debate e a essa revolução, a aberração na convenção da classificação estabelecida pela mídia, que é a adoção de critérios diferentes para esportes individuais e esportes coletivos.

Por que nos esportes coletivos a contagem é de apenas uma medalha e nos esportes individuais a contagem é por prova? Voleibol e atletismo são duas modalidades de esporte. Contudo, o número de medalhas para contagem de classificação é diferente, em que pese cada atleta receber uma medalha. Por que essa discriminação com os esportes coletivos? Por que essa exacerbação com os esportes individuais? Por que nos revezamentos, nos conjuntos (ginástica rítmica, esgrima etc) e nas duplas (nado sincronizado, saltos ornamentais, tênis e tênis de mesa) considera-se apenas uma medalha para efeito de contagem quando, de fato, são distribuídas e entregues medalhas a cada atleta?

Deve-se instituir um novo critério para classificação dos países nos Jogos Olímpicos a partir da edição no Brasil. Observando os preceitos da Carta Olímpica, defendo e proponho uma revolução/evolução, no sentido de que a contagem deve levar em conta o número total de medalhas conquistadas por atletas, independente de ser de ouro, prata ou bronze, não discriminando ou diferenciando os esportes individuais e coletivos nem as duplas ou conjuntos e sim as medalhas distribuídas.

Assim, instigamos a mídia brasileira a promover uma Revolução justa e ética, resguardando a Carta Olímpica e o respeito ao protagonista do esporte – **o atleta.** ❖

PARA SABER MAIS...

Leia o artigo na íntegra no portal do CONFEF e confira a comparação dos resultados (bit.ly/Medalhas)